

FORA DO PADRÃO



Fotografia: C&A particular

EXPOSIÇÃO

Fora do Padrão
Lembranças da Exposição de 1940
25 de Junho a 30 de Outubro de 2016
Padrão dos Descobrimentos

COORDENAÇÃO

Margarida Kal de Carvalho
Maria Cecília Carneiro

ASSISTENTE EXECUTIVO

Conceição Romão

CURADORIA

Maria Cardeira da Silva

(coordenação)

Marta Prista

EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO E RECOLHA

Maria Cardeira da Silva, Marta Prista, Sandra

Oliveira, Laura Almodovar e Sílvia Gomes

CRIA - Centro em Rede de Investigação

em Antropologia / Faculdade de Ciências Sociais

e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

CONCEÇÃO PLÁSTICA E REALIZAÇÃO

António Viana

ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO

Nuno Magalhães

MEDIAÇÃO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICA

Serviço Educativo Padrão dos Descobrimentos

DESIGN GRÁFICO DA EXPOSIÇÃO

Rita Cruz Neves

IMAGEM GRÁFICA - MATERIAIS GRÁFICOS

Oland - Denominação de Origem Criativa

CONSTRUÇÃO

AS Pinheiro, Lda

VINIS E PAPEL DE PAREDE

Escarigo Factory - Centro de Produção Digital

PROJETO AUDIOVISUAL

Informática e Audiovisuais, Lda

PROJETO DE LUMINOTECNIA

Vitor Vajão

LEGENDAGEM

Sara David Lopes / Il Sorpasso

TRADUÇÃO

Kennis Translations e Melinda Eltenton

AGRADECIMENTOS

António Viana

Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Biblioteca Camões | Biblioteca Municipal de Lisboa

Biblioteca de Arte - Fundação Calouste Gulbenkian

Biblioteca e Arquivo Histórico | Ministério da Economia

Biblioteca Nacional de Portugal

Carlos Caria

Cesário Pires da Silva

Cinematoteca Portuguesa | ANIM

Colegió de Santa Doroteia | Irmãs Doroteias

Ecomuseu Municipal do Seixal

Eduardo Kal de Carvalho

Elsa Peralta

Emília Carlos

Espaço Memória | Arquivo Municipal Barreiro

Família Henriques

Família Melo e Sousa

Fernando Azevedo

Fernando Malta

Francisco Bagulho

Francisco Freire

Fundação António Quadros

Fundação Portuguesa das Comunicações

Gabinete de Estudos Olisiponenses

Gabriel Prista Serpa

Global Media Group

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Henrique BurnayBastos

Humberto Azevedo

Imprensa Nacional Casa da Moeda

Joana Lucas

João Alpuim Botelho

João Craveira Antunes

Joaquim Vitorino

José Bento dos Santos

José Luís Mendes

José Manuel Gaspar Nero

Leitão e Irmão - Joalheiros

Liliette Cardeira da Silva

Luis Nunes dos Santos

Maria Isabel de Campos Andradá Oom de Mello

Maria Manuela Paiva Antunes

Maria Margarida de Campos Andradá Oom de Mello

Miguel Costa

Museu da Carris

Museu da Vidra | Marinha Grande

Museu Manuel Bulhosa, Clube de Futebol "Os Belenenses"

Nuno Soares

Paulo Marcelo

Pedro Prista

Rancho das Ceifeirinhas | Anços - Saure

Rancho Regional de Veiros - Estarreja

Sílvia Gomes

Sociedade Central de Cervejas e Bebidas, SA

Sociedade de Instrução e Recreio Areosense

Padrão dos Descobrimentos
Avenida Brasília, 1400-038
Tel. 213 031 950
www.padraodosdescobrimentos.pt



Mário Novais
Exposição do Mundo Português, 1940, Lisboa
Col. Estádio Mário Novais FCG - Biblioteca de Arte

FORA DO PADRÃO

LEMBRANÇAS DA EXPOSIÇÃO DE 1940



Rua de Macau
Col. Família Melo e Sousa

Esta é uma exposição sobre lembranças de outra exposição.

Apesar de ter sido concebida em estafe e como projeto efêmero, a *Exposição do Mundo Português*, inaugurada em 1940, desenhou parte importante da cartografia simbólica da nação e da memória.

Essa cartografia ficou gravada nas múltiplas publicações laudatórias do Estado Novo, nos registos e arquivos formais, nas plantas dos pavilhões, nas fotografias oficiais, nas emissões solenes e filmes do regime, até se reinscrever de forma indelével no espaço de Belém, algumas décadas depois, com a reconstrução em pedra do Padrão dos Descobrimentos.

A exposição que agora se apresenta pretende revelar cartografias pessoais e lembranças *fora desse padrão*, para lá do registo e memória institucional dos Arquivos oficiais e dos Monumentos.

Ao longo de um ano, mais ou menos o tempo que levou a preparação da *Exposição do Mundo Português*, uma equipa de antropólogas entrevistou mulheres e homens portugueses que a visitaram na sua infância ou adolescência.

A exposição constrói-se a partir das suas lembranças registadas em vídeo e materializadas em pequenos objetos e fotografias que evocam sentidos e emoções pessoais.

São elas que, partindo da beira Tejo, nos levam a deambular sem preocupação reconstrutiva entre Belém e outros bairros em plena Guerra Mundial, entre a *parvónia* e o espetáculo, entre o poder e a resistência, entre a pobreza, o trabalho e o lazer, entre o espanto e o corriqueiro.

Pretende-se que a exposição ative e multiplique outras lembranças privadas e pessoais que a Memória de Belém tende a colocar à sombra dos Monumentos.

Os visitantes de hoje são também convidados a contribuir com suas lembranças para a constituição de um novo arquivo *Fora do Padrão* que interpele os arquivos históricos institucionais, e a Memória encapsulada pelos grandes eventos celebratórios que o Estado Novo encenou em Belém.

Partilhe-as escrevendo para arquivoforadopadrao@egeac.pt



Nau Portugal
Col. Família Melo e Sousa

OS VISITANTES

Estes são os visitantes de Belém e da *Exposição do Mundo Português* e coautores daquela que aqui se exhibe: 28 mulheres e homens, à alhura crianças ou jovens entre os 3 e os 20 anos, filhos de operários de fábricas ou estaleiros, de modistas, de arquitetos e artistas da *tribo dos pintores* que montou a *Exposição* de 40, de donas de casa, de marinheiros, de ilustres republicanos, de professores de natação, uns contestatários, outros acomodados ao regime de Salazar, habitantes de Belém, de outros bairros de Lisboa, ou aqui chegados em visita excepcional à capital.

Diferenças marcadas de genealogia, género, classe, residência, cultura e literacia determinam as suas biografias e filtram de forma evidente as suas lembranças. Todas elas evocam universos portugueses de grupos sociais específicos que pouco conviviam entre si mas que se identificavam mutuamente.

Amélia Rei, Ângela Lucas, Anibal Vicente, Antónia Guterres, Antonieta Roldão, Armando Nazaré, Carlos Lopes, Celeste do Ó, Cesário Pires da Silva, Emilia Carlos, Fernando Azevedo, Hortense Lapa, Humberto Azevedo, Isabel Cottinelli Telmo, José Carlos Antunes, José Pedro Martins Barata, Lina Branco, Manuel Broco, Manuel Revez, Manuel Sá Marques, Maria de Lourdes Alves, Maria de Lourdes Campos, Maria de Lourdes Batista, Maria José Sousa Ribeiro, Maria Luísa Blanc, Maria Manuela Antunes, Victor Coimbra, Virginia Monteiro.

Billetes de transporte e da
Exposição do Mundo Português, 1940
Col. Carlos Caria



Visita à Exposição
Col. Manuel Broco

O ESPANTO E OS SENTIDOS



Teleférico
Col. Irmãs de Santa Doroteia



Secção Colonial
Col. Estádio Casimiro Vinagre
Biblioteca de Arte (FCG)

O Arquivo, invenção Moderna como a fotografia e o turismo, privilegia o olho como órgão de sentido e de registo, e como garante da autenticidade de uma experiência. Mas a memória guarda experiências emotivas e sensoriais que vão muito para além do olhar.

A surpresa e o deslumbramento perante a novidade e a tecnologia ostentada na *Exposição*, ou a indiferença ou revolta diante de uma grandiosidade que se sabia espúria e encenada, o cheiro a tintas, a café e a dejetos do elefante do *Cortejo Histórico*, a estranheza ou o desconforto perante a *raça* e os *corpos nus* da Secção Colonial, o calor, a sensação de pequenez a olhar de baixo a escala dos pavilhões, o medo de perder os pais na multidão, os sons dos altifalantes da Philips, o sabor colonial das comidas à venda no certame, tudo isso molda lembranças diversas que não cabem na planeza de uma ficha de arquivo ou mesmo de uma fotografia.

GUERRA E RECREIO



Partida das crianças refugiadas no Mousinho, para a América
PFTTEPJS-SF-001-001-0080-1232P - Imagem cedida pelo ANTT

Escassos dias antes da inauguração a 23 de Junho de 1940 da *Exposição do Mundo Português* os alemães entravam em Paris.

Lisboa em festa desafiava a Europa: "poder-me-ão tomar como alvo, quando eu ponho tanto empenho em não me esconder? Quando me exponho tão vulnerável?" escrevia Saint-Exupéry, um dos muitos estrangeiros e refugiados a caminho dos EUA que Lisboa acolheu então.

Mas nem eles, nem a falta de carvão, de açúcar e de azeite, impedia que a Guerra fosse vista (ou hoje lembrada) por alguns dos visitantes portugueses como um *espetáculo*, a desenrolar-se *noutro país*. Uns estavam já habituados à pobreza e fome que a *sopa do Sidónio* (cantina da caridade) iludia e mantinha. E isso não interferia com as brincadeiras de outros meninos ou meninas, nem com os hábitos de lazer mais ou menos pacatos dos mais crescidos: idas ao teatro e ao cinema que os ligava univocamente ao mundo, à praia da Cruz Quebrada, na outra banda ou no Estoril - agora com o *glamour* que lhe emprestavam os refugiados -, às sociedades recreativas e às adegas de bancos corridos, aos chás dançantes ou aos jogos de sociedade.

Mas havia outros que, alheios ao cinema e à voz oficial da Emissora Nacional, observavam os aviões que sobrevoavam Lisboa e fixavam-se já revolvidos naqueles que partiam de uma cidade que conhecia a fome para transportar víveres para a Alemanha, furando o bloqueio.

As deslocções eram penosas e caras, e a informação censurada pela PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, que depois viria a ser a PIDE). E tanto as sociabilidades quotidianas quanto as conexões com o mundo se faziam à medida de uma distribuição profundamente desigual de recursos e educação.



Aspetos de um domingo na Praia da Cruz Quebrada
PFTTEPJS-SF-001-001-0076-24100 - Imagem cedida pelo ANTT

O TANQUE E O TEJO



Os nadadores saudando o Chefe de Estado na Tarde Náutica Infante D. Henrique
PFTTEPJS-SF-001-001-0076-26120 - Imagem cedida pelo ANTT

O tanque era o tanque do *Jardim Colonial* onde os meninos do *Belenses* aprendiam a nadar e que durante a *Exposição* acolheu crocodilos.

O tanque serve aqui de metáfora para as lembranças da vida costumeira nos bairros de Lisboa, particularmente em Belém, surpreendido pela construção da *Exposição* que provocou demolições e expropriações e desviou os elétricos que iam para Pedrouços. Era o Belém dos trabalhadores da construção em Alcanena, dos operários e operárias das fábricas e dos comércios, dos pastéis de nata e de cerveja, do associativismo republicano e das sociedades recreativas, do antigo mercado, das escolas, dos estaleiros navais e da praia da Torre de Belém, da pesca e das docas dos submarinos e dos aviões.

O *Tejo* era o rio, o do porto de Lisboa e das indústrias na outra margem, cujos operários se oprimiam, aquele que se atravessava para ir à praia da Caparica ou comprar carvão, onde se abençoavam os bacalhoteiros como se fossem Caravelas, onde se desenrolaram as *Tardes Náuticas* e onde atracou a *Nau de Portugal* durante a *Exposição do Mundo Português*.

O Tejo serve aqui de metáfora para as lembranças de um Portugal que o regime queria ao mesmo tempo provinciano e cosmopolita q.b..

Um Tejo engalanado com bandeiras da Fundação da Nação para a Grande *Exposição* do duplo centenário, que celebrava a consolidação do país, mas sobretudo do Estado Novo, com seus pavilhões e sua *Fonte Luminosa*, com suas palestras e seus concertos eruditos, com suas marchas populares e espetáculos do Verde Gaio, com seus cortejos e desfiles da Mocidade Portuguesa. Um Tejo que suspendia Portugal da pacatez e o entregava ao aparato e festa, que iludia a repressão com uma Amnistia, que trazia a si cosmopolitas, colonos e provincianos em peregrinações como as de Fátima para tomarem consciência do *Mundo Português* e mostrar ao resto do mundo que *Portugal não era um país pequeno*.

Um Tejo que ofuscava o tanque.

LEMBRAR, DESLEMBRAR, VOLTAR A LEMBRAR

Os visitantes da *Exposição do Mundo Português* falam tanto das suas lembranças quanto dos seus esquecimentos. Falam do esforço e dos obstáculos e interferências no seu exercício de recordar, mas também do gozo em repor, à sua maneira e no presente, experiências do passado. Oscilam entre as memórias leves e aquelas em que *parece que estão vendo*. Colocam as suas lembranças sobre os *vestígios* do passado ou lamentam o desaparecimento de objetos que as tornariam mais *presentes*. Transcorrem o tempo com sentimentos vários de saudade, desgosto ou desdém, e revivem emoções de alegria ou tristeza ou indiferença. Lembram o próprio ato de lembrar e reconhecem a sua efemeridade.



Como brincam as crianças pobres de Lisboa
PFTTEPJS-SF-001-001-0071-5225N - Imagem cedida pelo ANTT

Reconhecem a mesma efemeridade no projeto da *Exposição do Mundo Português*, cujo início alguns pontuam com demolições e desalojamentos, e cujo fim alguns adiam para o mês de fevereiro de 1941, quando um ciclone assolou o país e adernou a *Nau de Portugal*.

Dizem-nos que a memória é a *nossa consciência inserida no tempo*.

A nossa memória é aquela que resulta de um exercício nosso e no presente, em constante renovação. Não aquela que repousa adormecida sobre as que outros, hoje ou noutros tempos, construíram por nós.



Efeitos do ciclone
PFTTEPJS-SF-001-001-0079-0315P - Imagem cedida pelo ANTT